

CORREIO DO VOUEIRO

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES
Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceta collaboraçã que não seja sollicitada.

A proposito do artigo "a 2.ª época de exames,"

O nosso artigo — a 2.ª época de exames provocou reparos da parte d'um dos alumnos da Universidade de Coimbra que se abotoaram com as tres cadeiras do 1.º anno e mais tres do 2.º.

Ora palestramos um bocadinho com o intelligente academico, e, antes de tudo, para que os leitores fiquem devidamente esclarecidos, façamos a sua apresentação.

Nós conhecemos-lo muito intimamente. E' dos nossos melhores amigos. Rapaz sensato, ponderado e profundamente honesto. Quantas vezes applaudiu, com entusiasmo, a orientação d'este jornal! Quantas vezes nos felicitou, vivamente satisfeito, pela maneira como tratamos um determinado assumpto! Mera lisonja ou simples cumprimento d'amigo? Nunca o supuzemos nem suporemos. Havia exagero nas suas felicitações e nos seus entusiasmos? Certamente. Estamos convencidos d'isso, porque o conhecemos muito bem — e não nos conhecemos a nós mal de todo.

D'um momento para o outro, o nosso admirador, passa a censurar-nos. Porquê? Fomos insensato, injusto, quebramos a linha de independencia e de imparcialidade que mantinhamos ha alguns annos? Puzemo-nos ao lado do forte e contra o fraco, da mentira contra a verdade, da treva contra a luz? Não nos accusa a consciencia d'isso. Porque motivos, pois, quem era tão sereno, tão ponderado e tão justo nas suas apreciações se viu, pela primeira vez, obrigado a censurar-nos, não descabeladamente, mas com um certo desgosto que a amizade inspirou?

Vamos dizê-lo. O Governo Provisorio da Republica Portuguesa, deante da attitude desordeira dos estudantes de Coimbra, não pôde assumir, talvez pelas circunstancias de momento, uma linha de intransigencia, dentro, é claro, da justiça. Os rapazes começaram a exigir, e elle a fazer-lhes a vontade. Pediram os cursos livres, e o governo deu-lhes mais do que elles esperavam

— consentiu que se ausentassem de Coimbra até á época dos exames, promettedolhes quasi um perdão d'acto. Requereram para que fosse facultada a matricula em mais cadeiras do que as permittidas pela organisação do ensino, e foram attendidos.

O nosso censor aproveitouse d'esta concessão, matriculando-se nas tres cadeiras do primeiro anno e mais tres do segundo, com a esperanza de ficar approvedo em todas, como realmente aconteceu. D'este modo, convenceu-se, cheio de razão, de que faria o seu curso em quatro annos ou ainda em menos. Mas — ó terrivel surpresa! — o mesmo Governo Provisorio decreta que elle, e os que estão nas suas condições, e ainda outros que estão em melhores, fiquem sujeitos á nova organisação de ensino, não podendo concluir a formatura senão ao cabo de cinco annos de frequencia da Universidade, e isto na melhor das hypotheses!

Assim o diz, inexoravelmente, o «Diario do Governo» de 23 d'agosto.

O nosso antigo admirador ficou indignado. Contra o Governo apenas? Não. Contra todos os que não se collocaram ao lado d'elle, a defendê-lo da injustiça de que se julga victima.

E' elle mesmo quem o diz na carta que nos escreveu: «Desculpe-me, que hoje só tenho apostrophes para os que se não mostram inteiramente amigos dos rapazes (refere-se aos estudantes de Coimbra), que são os enganados, que são as victimas».

Nós concluímos d'estas suas palavras e de quanto temos exposto que o nosso critico não pôde apreciar com seriedade o artigo — a 2.ª época de exames. E como poderia elle apreciar-lo, se despoticamente o dominava um sentimento de indignação contra quem o não reconhecesse e não o proclamasse como martyr da leviandade ou da injustiça do primeiro Governo da Republica — da sua adorada Republica — por que sacrificara a garganta, préngando ao povo em dois ou tres comicios sertanêjos?

E nós — confessemo-lo — não nos mostramos commovido com a sua situação. Não tivemos mesmo palavras de sympathia para a mocidade coimbrã de quem elle queria

que fossemos cinteiramente amigo».

Mas verberámos o procedimento do Governo — e isto devia ser o bastante, para elle nos enviar eustusiasticos agradecimentos, se por ventura pudesse julgar-nos com a serenidade e ponderação, de que, aliás, já dera bastas provas.

Nós censurámos o Governo por permittir a matricula em cadeiras extraordinarias, mas muito mais devemos censurá-lo, agora, sabendo que essa concessão foi um logro.

«Comeram-nos!» — grita, raivosamente, o nosso sympathico censor.

Ha vantagens em que os alumnos, que frequentaram a Universidade apenas durante um anno, fiquem sujeitos á nova organisação de ensino? Deve haver. Mas então não se lhes facultava a matricula em mais cadeiras do que as permittidas pela antiga reforma. Não se obrigavam a perder tempo e dinheiro.

Foi um expediente para conter os rapazes que, em numero talvez muito reduzido, se apresentavam em attitude profundamente perturbadora.

Mas processos d'esta natureza não se coadunam com o Regimen Republicano. Foram determinados pelas circunstancias de momento, tanto mais que o homem que então presidia aos negocios de instrucção é dos que mais trabalharam pela implantação da Republica, e dos que mais tem trabalhado e continuarão a trabalhar para que ella se mantenha dignamente.

PAUSAS DA VIDA

III Um justo

Quem conheceu o velho João Matuta, sachristão da igreja d'Eixo, não pôde deixar de recordar-se d'elle com verdadeira saudade. A terra que cobre os seus restos deve ser leve como uma penna de pomba; juncada de flores, humedecida de lagrimas!

A sua officina de sapateiro — pois o honrado Matuta accumulava as funcções ecclesiasticas com as d'esta industria — era o ponto de convergencia das pessoas mais illustres da

terra. Sentaram-se muitas vezes sobre montes de calçado prehistorico, de que já se não poderia reconstituir a lenda, entre outros, o dr. Reis Lima, nome conhecido do ultramar portuguez e sobretudo da provincia de Moçambique; o coronel Rego, intelligente e gentil creatura; e Angelo Vidal, esse professor do lyceu do Porto que sabe ter com a mesma segurança nas suas mãos uma penna e um pincel. E a quem pertencia a presidencia honorifica d'aquellas conferencias e d'aquellas arcadias era á figura veneranda, patriarchal, sorridente, d'essa especie de avô commum da parochia!

João Matuta era um homem alto, que os annos curvaram; tinha o rosto em oval, pequeno em proporção com o corpo; os olhos piscos, azues; o nariz curvo: espaço para um bigode descommunal; se o deixasse crescer; e quando tirava o barrete, apparecia uma cabeça de marfim, sobre a qual se juntavam e se cruzavam em tunnel as poucas cans que restavam ao velho.

A alma, essa descreve-se em menos palavras: lisa e lavadal. Vi-o uma unica vez fóra da sua esplendida bonhomia; e foi por minha causa, o santo homem! Eu encostára a porta, já não sei a que proposito, e o pobre Julio, um doido manso que passava os seus dias no muro fronteiro do adro a roer maçans e a fumar pontas, tomando o acto á conta de desconsideração, desatou á pedrada. Então o artista ergueu-se indignado do seu assento, veio á porta, soltou um berro, e com essa força mysteriosa que tem a virtude de desarmar mesmo os doidos, fez calir as pedras das mãos inconscientes do desgraçado.

Annos mais tarde, durante a missa, este veneravel amigo fez-me passar uns momentos para os quaes não encontro adjectivo apropriado. Foi o caso que elle reparou com interesse nas minhas botas, de canos de panno a fingir de meias; e para examinar mais a geito, levantava-me ora um pé ora outro, virava-os, revirava-os, apalpava-os, como se estivesse na officina.

Na sua qualidade de sachristão pertencia-lhe de ir tocar o sino das almas, ás nove horas da noite; arriscava a vida, mas ganhava porisso cinco reis diarios. João Matuta tinha fama de impávido; alguém que se queria certificar d'esta quali-

dade varonil do seu animo, pôz uma caveira nos degraus da torre entre duas velas accensas, e deixou-se ficar á espreita, cosido á caixa que protegia o relógio. O velho passou, soltou uma das suas pachorrentas risadas, e disse para o craneo illuminado: «estás bonito, demongra; deixa-te estar!»

Confessava-se em dia de S. José, e numa voz tão alta que a podia ouvir toda a gente que estivesse e que não fosse surda como uma porta; mas quando o confessor lhe perguntava... se tinha havido alguma vez alguma pinguita a mais... o penitente erguia ainda mais a voz, e quasi gritava: «quem n'a dera, sr. padre João, quem n'a dera!»

Finalmente chegou a sua hora, como chega a todos.

— Isto agora é que está o demongra! dizia elle.

E lá foi para o céo, o Ti-João-Matuta, como lhe chamava o povo na freguezia!

Loanda, 19 de agosto de 1911.

João, Bispo d'Angola e Congo.

Notas ligeiras

Recomeçando

Nem sabemos bem porquê interrompemos, um dia, que já vae longe, esta secção. Mas temos sentido a sua falta. Ha assumptos que não dão para um artigo, e não ficam bem no *Noticiario*. Talvez, por isso, é que hoje, de pé para mão, nos occorreu a ideia de reabrir-a. Para não faltar, não promettemos que durará enquanto o jornal viver. Cesteiro que faz um cesto...

Exames

Sempre ha a segunda epocha de exames, em outubro, para as escolas secundarias e superiores. Ainda não está annunciada oficialmente, mas deverá sel-o por estes dois ou tres dias. Não seria mais commodo fazê-lo na vespera dos estudantes entrarem a exame? Pelo menos, para elles, era da maxima commodidade, que não tinham tempo sequer... para abrir os livros.

Chucha

E' o titulo d'uma *Revista* que actualmente faz as delicias da sociedade portuense. O leitor, mais fino do que nós, talvez só pelo titulo, já tenha percebido que a *Chucha* é o que ha de mais *chuchado* no tocante a moralidade. Também nos parecia isso, mas não resistimos á curiosidade de ir ver o que merecia tantos applausos ao publico e á imprensa. Fomos e ficamos com a dolorosa impressão de que não ha meio de este paiz entrar, d'uma vez sempre, no

caminho da regeneração moral e social. A *Chucha*, fique-o sabendo o leitor amavel, é absolutamente pornographica da primeira á ultima palavra. E a auctoridade consente a sua representação, o publico concorre a ella e applaude-a com enthusiasmo e a imprensa reclama a escandalosamente! E nós — d'isso nos penitenciamos — tambem lá fomos!

Mas—como diria o Rev.^{mo} Bispo d'Angola—uma vez, para nunca mais.

Auxilio mutuo

Sob esta epigrapha, publicou na *Lucla*, o sr. Dr. João de Menezes, actual Ministro da Marinha, um interessante artigo de que recortamos a seguinte passagem:

O relatório ultimamente publicado pelo sr. Edouard Petit, inspector geral da instrução publica, sobre as obras post-escolares laicas em 1910, diz-nos que as associações de socorros mutuos de estudantes que funcionaram regularmente n'esse anno foram 3,387, com 851.934 associados de ambos os sexos. Em 1909, os associados eram 821.086, de maneira que, sómente em um anno, augmentaram de 30.000. E' necessario acrescentar que nas secções post-escolares figuram mais de cem mil socios, que, com o seu auxilio em dinheiro e em trabalho, concorrem para o extraordinario desenvolvimento que essa instituição tem attingido.

Que ponham aqui os olhos os estudantes portuguezes. Se nós estamos sempre promptos a imitar o que se faz de mau nas outras nações, porque não havemos de começar tambem a imitar o que por lá se faz de bom?

Matricula livre

Os estudantes de Coimbra voltam a pedir, para este anno, a matricula livre. Melhor do que nós o poderíamos fazer, commenta a *Lucla* este pedido nos seguintes termos:

Os estudantes de Coimbra pedem a matricula livre, — como no anno passado. Convem saber que no anno passado houve tal que se matriculou em nove cadeiras, não se matriculando em mais por falta... de tempo. Bom será prevenir abusos, e por isso alvitramos que, sendo consentida a matricula livre, um rapaz se não possa matricular em mais de dez cadeiras de cada faculdade, excepção feita para Direito, porque ahí poderá matricular-se em todas.

ASSUMPTOS HISTORICOS

O trafico

... Umaz vezes faziam-se leilões, outras vendas amigaveis. No alto do estrado o pregoeiro empurrando deante de si um grego da Asia, gabava-lhe os merecimentos: Grande athleta! e musico! homem rijo: senão reparem... Chegou de Chalcis; ganhou premios nos jogos olympicos... E voltando-se para o escravo, calado e immovel, dizia-lhe em grego: Sorri, olha para estes senhores... levantando-lhe os beijos, mostrando-lhe os dentes como a um cavallo, e as gengivas vermelhas, attestado indisputavel de saude. Os compradores comentavam — Vinte *minas*! gritava o progoeiro. — E uma! dizia um; duas! gritava outro. E o mangone, para aquecer a praça, mandava descer o escravo, levava-o pelo meio dos grupos, fazendo-o saltar, correr, mostrando a solidez das articulações, o athletico da estrutura. Excellente besta para a lavoura! e melhor ainda para o circo! tudo está em que lhe ensinem o combate dos gladiadores — ora vejam!... Fazia-o saltar com agilidade, mover os

braços, mostrando como não havia embuste nem ciganice: um perfeito homem! Foi arre-matado por trinta *minas* (reis 555.000), preço relativamente elevado.

Custava mais a passar um lote de velhos caducos em que toda a arte do mangone se empregara para disfarçar a idade, para fazer desaparecer as rugas da pelle, untando-lhe todo o corpo com azeite, pintando aqui, mascarando acolá, multiplicando as picadas e as ameaças cruéis ao ouvido dos miseraveis — a ver se os compradores se tentavam. E os velhos captivos com as cicatrizes dos açoites e as feridas dos anjinhos e grillhetas mal fechadas, faziam de moços, esforçando-se por mostrar agilidade, tornando-se presentemente grotescos na violencia que empregavam para apparentar uma vida que não tinham. Os lavradores abanavam a cabeça com desdem: só para usos domesticos podiam prestar ainda... O mangone affirmava que nem eram mudos — falla! dizia a um — nem surdos, nem myopes, provando tudo isso com experiencias, assegurando que não soffriam quartans, nem gota, nem epilepsia; que tinham o figado excellente, e os pulmões — respira!... O desgraçado tomava um grande folego, e um comprador, acercando-se, verificava não ser mau o halito, e esquadrinhava a pelle a ver se descobria algum polypo ou varises, lembrando ao mangone que um qualquer d'esses defeitos annullaria a venda. Bem o sabia elle: certamente! D'onde era? perguntava o comprador. Era de Creta, não o havia melhores! E girando sobre os calcanhares, voltando-se para os companheiros, o comprador, fazendo uma careta, dizia: Cretenses? nunca! são mentirosos. O circulo ficava ennumerando os defeitos dos escravos: os cretenses eram embusteiros, os phrigios timidos, os mouros vaidosos, os corsos rebeldes e cruéis, os dalmatas ferozes, os cilicios e os cappadocios, todos os gregos, nem fallar n'isso! mentirosos, burões garotos, ladinos... E ladrões, acudia um. Não havia escravo como o syrio, um hercules para o trabalho — submisso, medroso; isso sim! Mas para o leite, o jonio, uma belleza! E ninguem como o alexandrino sabia as cantigas deliciosamente depravadas com que alegrava a bebedice dos banquetes... Sem duvida! sem duvida! concordavam todos deitando as togas sobre o hombro, batendo palmadas nas coxas e piscando os olhos humidos de lascivia.

OLIVEIRA MARTINS

(Da *Historia Republica Romana*).

A AGUIA

Revista quinzenal illustrada

de litteratura e critica

Sae a 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

GAZETILHA

O nosso Augusto Fernandes Que *s'acha* cá na Parvonia Vai levar sem mais cer'monia Quatro abraços muito grandes!

Não façais, môças, *beicinho*, Reprimi o ciume atroz, Que o melhor fica p'ra vós! Muito abraço apertadinho

E quentes beijinhos meus Jámais vos não-de faltar! Não fiquéis pois com pesar E deixai-vos d'*escarceus*. Lembrai-vos que o amigo Augusto, Comquanto typo bonito, E' *rapaz!* 'sta tudo dito! Podeis socegar sem custol!

Amigo, não vá julgar *Qu'isto leva agua no bico*; Não senhor, eu mesmo *embico* Com esta historia de dar

Abraçinhos no meu sexo! Antes disto resolver, Olhe qu'ando, pôde crer, Por muito tempo perplexo.

Mas emfim, eu não podia Perder agora este ensejo De dar largas ao desejo, Ao dever que m'impendia

De agradecer penhorado Uns charutos que me deu *In illo tempore* e que eu Fumei sempre com agrado.

Nunca meus labios grosseiros Chuparam coisinha assim!! Que milagre, se eu... por mim Fumo sómente *bréjeiros!*

Mas, *crêdo*, não vá pensar — Santo nome de Jesus — Que venho aqui fazer jus A mais *puros* apanhar!

Vadè rétro, Satana! Se bem que tenho minutos Em que tão bellos charutos D'esquecer não sou capaz!

Saborosos, aromaticos, Tinham, no fumo, a magia De causar viva alegria Nos typos mais *sorombaticos!*

E eu padeço tanto, tanto, Do mal da melancolia Que tomar sempre devia Daquelle remedio santo!

Porém nos abraços meus Não vá você — que era azar — Vêr engôdo p'ra *abichar* Mais uns charutos dos seus,

Esses charutos *di lá* Havanos de fina raça! Só d'elles uma fumaca *Ai qui góstinho mi dá!*

22-9-11.

EL-VIDALONGA.

ASSUMPTOS LOCAES

Ainda não está feita a nomeação do encarregado do registo civil para esta villa, o que tem causado evitaveis despesas e grandes transtornos de vida a muita gente. Terras de muito menos importancia do que a nossa, gosam a regalia d'um encarregado privativo do registo civil. Porque não nos ha-de ser concedida identica regalia, se a ella temos incontestavel direito?

Com vista a quem compete, especialmente á Commissão Administrativa local.

A *ponte da Ribas* está intransitavel. D'aqui a dois dias vem o inverno, com este as cheias

ao campo, e depois como hão-de os lavradores retirar os milhos e outras novidades?

Bom seria que alguém olhasse com olhos misericordiosos para isto.

Tambem com vista á commissão administrativa, pois a ella incumbe zelar por tudo quanto interesse a esta freguezia. Se não está obrigada a fazer, por conta propria, os melhoramentos precisos na referida ponte, compete-lhe pedir, instar e reclamar perante as respectivas estancias, para elles sejam feitos com a maxima urgencia possivel.

E' conveniente que o nosso digno vereador vá pensando...

Ficará para outro dia. O espaço já é pouco, e isto não vae a matar.

AS MINHAS CARTAS

XVI

Ha mezes já, tentei escrever um artigo para esta folha baseado no *Projecto de Lei do Divorcio* em Portugal, elaborado pelo Sr. Dr. Luiz de Mesquita, distincto advogado portuense.

Tal artigo, porque o não pude confeccionar a tempo, não veio no numero d'este jornal, a que o destinava, nem tão pouco no seguinte, porque me esqueci da parte que havia escripto d'elle. Encontrando-a, um d'estes dias, entre varios papeis, resolvi completa-la e decidi que entraria no prelo.

Não obstante o que actualmente está legislado, a idéa primitiva sobre que traçara os meus rabiscos acerca do Divorcio em Portugal é, em fundamento, a mesma em que hoje assenta a factura do artigo.

A decretada Lei do Divorcio representa uma aspiração social que é justa, e que vinha sendo reclamada desde ha muito.

Apesar de ser infeliz a situação dos filhos, dada a separação de dois conjuges, julgo-a indispensavel. Vida perpetua entre individuos que incompatibilidades irreductiveis separam, deve ser o mais cruel dos calvarios.

Lamento, contudo, que o povo esteja atrazado para o comprehender e mal orientado para o sentir.

Ha muita gente, entre a nossa sociedade que jámais concebeu o casamento como a fusão de duas almas unidas pelo amor para a procreação d'um novo ser. Apenas attingem o impulso material e grosseiro que leva, um para o outro, dois organismos.

Não sentem por outrem a coragem do sacrificio, de que só o amor é capaz, tornando a vida social superior á vida do individuo, mas o egoismo, brutal e feroz, de sensações sempre novas, de coitos novos sempre.

E a creança, cujo berço assim é preparado, unicamente, pelo materialismo dos paes, fica sujeita ás contingencias, nem sempre benevolas, do destino, em taes circumstancias.

Mas se, d'este modo, a Lei do Divorcio vem facilitar a desorganização da familia, elemento constitutivo da sociedade, será d'algu-ma maneira justo que esposos, conscientes dos seus deveres; fi-quem eternamente ligados entre si, quando interesses de ordem moral, social e economica se imponham? Não certamente.

Exija-se que o casamento seja bem comprehendido nos seus fins pelos contrahentes, que elles o realizem com a maxima consciencia dos seus deveres e das suas responsabilidades perante a sociedade e para com a prole, e dê-s-lhes liberdade equivalente.

Praticado o casamento assim, a moralidade entre os homens subirá de nivel e as raças attingirão mais depressa o seu alvo — o seu aperfeiçoamento integro.

Nem aspiração diversa tiveram varios concilios christãos dos primeiros seculos da nossa era, admit-tindo o Divorcio, nem objectivo differente foi o de tantos varões illustres que o defenderam.

O Divorcio data de muitos se-culos e foi praticado na antiguidade.

Admittido foi elle pelos papas Gregorio II e Alexandre III; defenderam-no summidades da Egreja como Santo Agostinho, Santo Ambrosio, Santo Epiphanio e S. Matheus; e usou d'elle Sam Carlos Magno, pois o praticou algumas vezes.

Preconisado, pois, o Divorcio por tão altos varões e praticado por um que a Egreja canonisou, não podia esta deixar de o applaudir tambem. E effectivamente sancionava-o.

Nem outra coisa faria ella, depositaria das doutrinas de Christo.

Jesus no Evangelho de S. Matheus, declara-se a favor do Divorcio, e a favor d'elle é a sua doutrina do capitulo V, no Sermão da Montanha. O Nazareno pregava o Divorcio.

Referindo-se á religião mosaica, o Galileu faz d'ella esta citação: — «Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de repudio.»

Portanto, a palavra de Jesus considera e admittê o Divorcio.

Mesmo entre os judeus, a quem Christo fallava, havia esta instituição.

Nem outra coisa se concebe que fosse a elevada theoria do Christianismo. Porque não «poderia coadunar-se com aquella limpidez de consciencia, que ainda hoje nimbo de suavissima luz, de-zenove seculos volvidos sobre a sua existencia terreal, a figura sagrada do Divino Mestre.»

Quem não admittê o Divorcio é o catholicismo que, desde 1563, pelo concilio de Trento, onde Frei Bartholomeu dos Martyres tão alto elevou a sua voz, defendendo-o, declarou o casamento indissolvel.

O casamento desde ahí, ou fosse por interesses de ordem moral, ou por qualquer outros, conjunctamente ficou considerado como um sacramento. E, como tal, indissolvel.

Está nisto a causa do problema transcendente, de ordem methaphysica, que muito se tem debatido, mas a que, actualmente, se liga pouca importancia. Mas nada direi sobre elle. Repetirei, simplesmente, que o divorcio já foi praticado pelos povos d'outras eras.

E para concluir o meu artigo, direi, apenas, que o Divorcio, datando de remotos tempos e sendo praticado desde ha muitos seculos, constitue uma necessidade das sociedades modernas, que o teem reclamado com instancia, fazendo elle hoje parte integrante da legislação de todos os paizes da Europa, á excepção da Hespanha e da Italia.

Pratique-se o Divorcio, use-se d'elle; mas tenha-se sempre como fim mais alto, o interesse da familia e da sociedade, guardando todos os principios de moral social.

A Lei foi decretada para garantir liberdades offendidas de conjuges, incompativeis por circumstancias de ordem superior, e não para facilitar desunioes que firam a instituição da familia, desorganizando-a, porque d'essa desorganização proveria a desordem social, á qual a familia serve de elemento basilar.

Paulo Stacio.

A Corte de Junot em Portugal

Historia Nacional por

Rocha Martins

D'ALÉM-MAR

Manaus, 3-9-911

Manaus, vive mais calma, mais tranquilla, mais feliz... na apparencia. Acabaram-se os boatos terroristas reentrando novamente o socego e a confiança nos lares. O que cada vez assume caracter mais grave, ameaçando um futuro assustador, é a crise que cada vez mais se accentua na praça de Manaus. Ha uma retrahição completa de capitaes estando o movimento totalmente paralyzado. Denota-se em todos os rostos apprehensões, duvidas, e temores pelo que ha-de ser o dia de amanhã. Lamentavel, lamentavel e triste é este estado de coisas!

Não bastando estes infortunios para assolar Manaus d'uma completa tristeza, vem a febre, violenta e terrivel, ceifando vidas preciosas e fazendo soffrer das suas consequencias uma parte da população d'esta cidade.

Tem lugares que é uma dôr d'alma contemplar familias inteiras prostradas no leito de dôr, devido ao terrivel hematosoário.

E' certo que hygiene em Manaus é quasi letra morta. Nós conhecemos ruas e avenidas cujo transito é importantissimo e se encontram no seu estado primitivo com longas baixas no meio, onde accumulando-se a agua e immundicies torna-se um foco de miasmas e o maior fornecedor do terrivel hematosoário! Com franqueza que não sei para que se paga imposto predial nesta cidade, onde, excepção feita do centro, não se encontra melhoramento de especie alguma.

E' esta a situação critica em que se encontra Manaus:— crise monetaria, doença em profusão e falta de tranquillidade!

Estamos satisfeittissimos com a elevação á suprema curul da Republica Portuguesa, do interregimo republicano Dr. Manuel de Arriaga. Nunca nos passou pelo espirito que outro fosse o primeiro presidente.

E' a reliquia dos republicanos historicos. Character inteiriço e sem jaço concretisa em si a mais pura e verdadeira democracia.

Confiaados no seu patriotismo e superior intelligencia, estamos certos envidará todos os meios ao seu alcance para o engrandecimento da nossa querida patria.

Salvé Manuel d'Arriaga!
Viva a Republica!
Viva Portugal!

Manoel Vicente da Cruz (Zorc).

NOTICIARIO

Fallecimentos — Falleceu no Porto, no dia 16 do corrente, um menino de dois annos, dilecto filho do nosso presado conterraneo sr. Sebastião Luiz Flamengo, digno conductor dos caminhos de ferro do Minho e Douro.

O funeral da gentil creança, que ficou sepultado no Cemiterio do Repouso d'aquella cidade, foi muito concorrido, pegando ao caixão quatro meninos. Levou a chave o sr. Alfredo M. de Azevedo, primo da creança fallecida.

Ao nosso amigo sr. Sebastião Flamengo e a sua esposa, sentidas condolencias.

Ex-me do 2.º grau — Cumprimtamos muito cordalmente o nosso presado conterraneo sr. Joaquim dos Santos Aveiro, residente na Foz do Douro, pelo bello exame do 2.º grau que o seu filho mais

velho acaba de fazer. A interessante creança, a quem damos muitos parabens, revelou apreciaveis qualidades de intelligencia e de trabalho.

Que veja sempre coroados de bom exito os seus esforços e o que sinceramente desejamos.

Transferencia — Foi transferido de caçadores 3 (Valença) para infantaria 20 (Guimarães) o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Rodrigues Larangeira, digno e illustrado 1.º sargento. O sr. Rodrigues Larangeira, que já esteve na Africa por duas vezes, é um militar distinctissimo, querido dos superiores e dos inferiores, e tem diante de si um bello futuro. Desejamos-lhe todas as felicidades de que é digno.

Declaração — O nosso presado amigo e solicito correspondente na capital, sr. José Rodrigues Correia de Mello (Melicias) pede-nos a publicação do seguinte:

«Ha dias, encontrand-me com o meu amigo sr. José Ferreira Garro, ao portão da Quinta da Rosa, junto da minha residencia, depois da troca d'algumas palavras azedas, seguiu-se entre nós uma scena de pugilato. O conflicto terminou pela intervenção d'algumas pessoas que estavam presentes, de modo que, quando a policia chegou ao local, já nos haviamos retirado.

Alguns cavalheiros mal intencionados, e no proposito talvez de maguar a commissão encarregada de angariar donativos para custear as despezas a fazer com a vinda da musica *Velha*, de S. João de Loure, á capital, tem propalado que a causa do referido conflicto foi o sumo da uva. Para desfazer esta infamia podemos apresentar os testemunhos dos cidadãos José Tavares de Figueiredo, Manuel Dias da Quinta, Eusio Marquês, e José Martins, estes dois ultimos commerciantes dos mais honrados da capital.

Um dos amigos do sr. José Ferreira Garro.

Lisboa, 20-9-911. — (a) José Rodrigues Correia de Mello.

Baptisado — Deve realizar-se, hoje, o baptismo d'uma creança do sexo masculino, que receberá o nome de Armando, filho da sr.ª Ignacia Coelho da Silva, d'esta villa. Serão padrinhos o menino Armando do Carmo de Magalhães, filho do nosso presado amigo sr. Antonio Magalhães, e a menina Feliciano Augusta de Figueiredo.

Desejamos para a galante creança uma vida cheia das maiores felicidades.

Governador Civil — Foi realmente nomeado Governador Civil do Porto o sr. Dr. Rodrigo Rodrigues que desempenhava identico cargo no districto d'Aveiro. Para o seu lugar serão nomeados: como effectivo, o 1.º tenente da armada, sr. Julio Ribeiro d'Almeida, e, como substituto, o sr. Dr. Joaquim de Mello Freitas.

Caso unico — Uma mulher da Castanheira, que costumava banhar-se numa *corga*, sentiu-se ha dez dias com uma forte hemorragia. Quando estava já quasi exangue e depois de ter exgotado, sem resultado, todos os medicamentos que em taes casos costumam empregar-se foi examinada por um distincto medico que, com surpresa,

lhe encontrou junto do utero uma enorme sanguisuga, causa unica da perda sanguinea, que prostrou a pobre mulher na cama e alli a fará estar ainda por largo tempo, em vista do extremo enfraquecimento que o anelido lhe produziu pela sucção continua durante os dez dias do seu extravagante internato.

(Da Soberania do Povo).

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Com sua ex.ª esposa e dilecto filho, encontra-se entre nós o nosso presado amigo sr. José Martins de Pinho, digno empregado da Circumscripção Escolar do Porto. — Está em Vidago o nosso presado amigo sr. Domingos da Costa Carneiro, do Porto.

Partidas e chegadas

Depois de ter passado alguns dias em Vagos, regressou a Lisboa o nosso presado amigo sr. Antonio Simões Albergueiro.

Anniversario

Pelo seu anniversario natalicio, cumprimentamos o nosso amigo Antonio Brinco, d'Agueda.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 15

(RETARDADA)

A cidade continua em festa, em signal de regosio pelo reconhecimento da Republica pelas potencias estrangeiras, ouvindo-se constantemente o estralar dos foguetes.

Já começaram os trabalhos de ornamentação das ruas, por causa dos festejos commemorativos do 1.º anniversario da Republica.

As festas da rua de S. José que serão abrlhantados pela philharmonica «Velha-União», de S. João de Loure, promettem ser deslumbrantes. A commissão deu já começo aos seus trabalhos de ornamentação e illuminação. A proposito direi que o illustre regente d'aquella philharmonica está a ensaiar um novo repertorio, que, segundo nos informam, é muito bem escolhido e deveras atrahente.

Causou aqui profundo sentimento a morte do sr. João Nunes da Silva, rapaz ainda novo, que contava na capital grande numero d'amigos, chorando todos a sua perda. A toda a familia enluctada, sentidos pezames.

Os conspiradores andam desenfreados. Alli, para os lados de Belem, foram presos 6 cadetes, e escapuliram-se 15. Os presos estão nos calabouços, com sentinella á vista, até que sejam mettidos no Castello de S. Jorge.

Tem passado bastante incommodado o nosso amigo sr. José Joaquim da Silva, devido a uma queda de grande altura. Ainda hontem tivemos o desgosto de o ver de braço ao peito. Sinceramente desejamos as suas rapidas melhoras. — Melicias.

Idem, 20

A' hora a que escrevo, 6 da tarde, o tempo ameaça chuva, mas os dias estão quentes, o que nos faz lembrar o verão de S. Martinho.

Retirou para S. João de Loure acompanhado de sua esposa o cidadão Francisco Rodrigues da Silva, que tenciona regressar brevemente para assistir aos grandiosos festejos que devem realizar-se nos dias 4 e 5 de setembro.

Também retirou para S. João a sr.ª Maria Rodrigues da Silva, acompanhada de suas filhas as sr.ªs Augusta e Rosalina da Silva, esta ultima esposa muito dedicada do nosso amigo sr. José Tavares de Figueiredo. Vão assistir ás festas de N. Senhora do Livramento.

Retirou para a mesma freguezia, e com o mesmo fim o sr. Manoel Rodrigues de Mattos.

Seguiu para Oliveira d'Azemeis o nosso amigo sr. Domingos d'Oliveira, acompanhado de sua esposa e de seu filho Manoel. — Melicias.

Thomar, 15

(RETARDADA)

No dia 11, pelas 9 horas da noite,

quando se recabeu comunicação do reconhecimento da Republica pelas potencias estrangeiras, subiram ao ar algumas girandolas de foguetes, em signal de regosio. O entusiasmo, por parte do povo, era verdadeiramente extraordinario.

No dia seguinte, pelas 2 horas da tarde, o regimento de infantaria 15 foi cumprimentar a Camara Municipal, tocando a banda, durante o percurso, o hymno nacional. Todos os edificios publicos e associações particulares tinham arvorada a bandeira nacional.

No dia 10, pela volta das 5 horas da tarde, pairou sobre esta cidade uma forte trovoadá, acompanhada de grandes bategas d'agua, o que prejudicou muito os arvoredos.

Saiu muito povo para a rua dizendo que era castigo nos republicanos por não deixarem entrar em Portugal aquelle pobre padecente Paiva Couceiro que lá anda pela fronteira...

Pobre povo! — José Pedro.

Alquerubim, 20

Começou aqui a vindima a semana passada, andando-se agora em plena actividade com tal serviço, occupando-se toda a gente n'elle.

Deixa muito a desejar em qualidade e quantidade. Um terço, pelo menos do branco, está podre, levando mais tempo a escolher do que mesmo a vindimal-o.

O vinho tornou a subir, voltando outra vez para 800 reis os 20 litros.

A pouca azeitona que havia nas Oliveiras, tem cahido. — C.

Idem, 21

Ha grande escacez d'azeite nacional, que se vende a 440 reis o litro.

Do hespanhol apenas hoje veio para o estabelecimento do sr. Manoel Maria Amador, Successor, 191 litros d'elle para vender a 280 reis como manda a lei, mas isto mal dura para tres dias, e foi-lhe cedido por um amigo por muito favor.

E' urgente que o Governo auctorise a importação d'azeite sem limite, porque a falta é grande e a nova colheita é escassa. Nunca virá para o preço do estrangeiro, se este não vier abastecer o mercado. — C.

S. João de Loure, 16

(RETARDADA)

Nos proximos dias 23 e 24 deve ter lugar aqui a grande e afamada festividade em honra da milagrosa Senhora do Livramento, cujo programma será o seguinte:

Dia 23 — Dar-se-ha principio á festa com a chegada da philharmonica d'Angeja que percorrerá as ruas da freguezia, acompanhada dos mordomos e da musica *Nova*, d'aqui.

A's 9 horas da noite, debater-se-hão as duas philharmonicas nos respectivos coretos até ás 2 horas da madrugada, sendo de esperar que ambas agradarão ao publico. Durante a noite queimar-se na muito fogo de artificio em que devem apparecer muitas surpresas.

A illuminação do vasto arraial está confiada ao conhecido armador d'esta freguezia sr. Antonio José da Silva, que se esforça sempre por apresentar trabalhos dignos d'um arraial famoso.

Dia 24 — Na capella, que será primorosamente ornamentada, haverá missa solemne, com assistencia da orchestra da musica *Nova*, d'aqui, e sermão pelo distincto orador Padre Francisco Lopes da Silva. Terminadas as cerimoniaes da igreja, sahirá a habitual procissão, em que se incorporarão as duas musicas, percorrendo as ruas do costume até ao Cruzeiro.

A's 4 horas da tarde, haverá arraial, tocando até á noite, a musica *Nova*, d'aqui.

— A rapaziada da musica «Velha-União», trabalha com todo o gosto e entusiasmo ensaiando o seu magnifico repertorio, afim de se apresentar dignamente nos festejos de 5 de Outubro na capital. Fazem bem, caprichando, porque será a maneira de corresponder aos esforços dos nossos presados conterraneos residentes em Lisboa de quem partiu a iniciativa de a musica «Velha-União» ir assistir aos festejos commemorativos do 1.º anniversario da Republica, iniciativa que muito honra os bons e generosos filhos d'esta terra.

A musica «Velha-União» dispõe de elementos que lhe permitirão fazer uma bella figura, estando nós convencidos de que hade destacar-se, e muito, entre as musicas paisanas. Será mais uma gloria para a nossa terra e um motivo de grande prazer para os seus filhos ausentes na capital que a amam vivamente. — C.

Oliveirinha, 15

De visita á terra natal, depois d'um exilio de vinte annos na America, chegou no sabbado, 9, a Quintans, o nosso patrio José Ribeiro. Como sargento de infantaria 18, n'uma bella comprehensão de seus deveres como cidadão amante da sua patria, portou-se como heroe na revolução de 31 de janeiro.

Recompensou-lhe o Governo da Republica os seus distinctissimos serviços com o posto de tenente.

A freguezia da Oliveirinha irmanada nos mesmos sentimentos, acompanhada

de duas philharmonicas, recebeu briosamente na estação de Quintans o seu patrio e n'um cortejo delirante de entusiasmo acompanhou o filho dilecto ao modesto logar da Granja, que justamente se orgulha de receber o valoroso combatente pelo regimen da moralidade e da justiça, por que expóz denodadamente a sua vida.

O sr. José Ribeiro, comovido sinceramente, agradeceu a manifestação de sympathia de que fôra alvo. — C.

Trofa, 15

Agora que os habitantes d'Agueda estão satisfeitos, com o comboio que lhes passa á porta, vendo, emfim, realisado o seu sonho doirado de tantos annos, e cuja realisação se deve apenas ao sr. Conde d'Agueda, é de toda a justiça que sejam promptos em pagar a este illustre e benemerito titular a grande divida que para elle contrahiram.

Todos se lembram, decerto, da maneira como a cidade d'Aveiro pagou um facto identico ao inolvidavel José Estevão. Pois bem: Fazei vós, cidadãos de Agueda, como Aveiro fez, e tereis honrado o vosso nome, glorificando o maior dos vossos conterraneos.

A Cesar o que é de Cesar. Levante-se o monumento que fique a attestar ás gerações futuras toda a vossa gratidão para com o homem mais illustre que tem navido em Agueda.

Os principaes commerciantes devem quanto antes, tomar a peito essa patriotica iniciativa, nomeando a commissão que deve encarregar-se dos trabalhos d'uma subscripção, que se estenderá a todo o concelho, pois em todo elle haverá quem se associe moral e materialmente a ideia tão justa.

Ahi fica expresso o meu desejo ardente e sincero e do coração estimo que elle sirva de incitamento a todos os que por ventura venham a conhecê-lo.

— Finou se, hontem, uma filhinha do nosso amigo, sr. Luiz Barbeiro, a qual contava apenas alguns dias de idade.

O funeral da galante creança foi muito concorrido, incorporando-se nelle as pessoas mais gradas d'aqui.

No passado domingo, 10 do corrente, pairou sobre nós uma violenta trovoadá, acompanhada de muita chuva e vento. Era por aqui tal a gritaria que parecia que se ia acabar o mundo. Sentiu-se o solo tremer, e na estação telegraphica mostraram-me o effeito de varias faiscas. Foi assombrosa! Tem continuado, mas, felizmente, com menos intensidade, embora acompanhada de grossas bategas d'agua que tem feito crescer o nosso Vouga, que já não desliza suavemente, mas quasi parece rugir...

— Principiaram as vindimas. Dizem-me que o vinho funde bastante. A. Carvalho.

S. João de Loure, 16

(PARTICULAR)

A' hora a que escrevo, reina grande animação com a ida a Lisboa da musica «Velha-União», por iniciativa dos nossos conterraneos, residentes na capital, entre os quaes os srs. Joaquim Nunes Baeta Junior, José Ferreira Garro, José Tavares de Figueiredo, José Rodrigues Correia de Mello, Bernardino Antonio da Silva, Joaquim d'Oliveira, Manuel Dias da Quinta e Antonio Nunes Valente.

A brilhante philharmonica está a ensaiar o seu vasto e importante repertorio de que fazem parte dois «passos dobrados» que lhes foram offerecidas pelo cidadão Baeta Junior.

— Ha dias, houve, alli para o Oitão, mosquitos por córdas. Chegamos a sahir á rua, tal era a haiburdia, e verificamos que se tratava de coisas de ciu-me e do Deus Baco. A' vezada é que a moral publica foi por vezes offendida, o que fundamente nos maguou por vermos que ainda ha pela nossa linda terra gente tão mal educada.

— Falleceu, ha dias, o nosso conterraneo sr. João Nunes da Silva que ha muito soffria. A sua morte foi vivamente sentida, e o funeral, em que se incorporou a musica «Nova», foi muito concorrido.

— Pezames a toda a familia enluctada. — Acaba de partir para Perrães, a musica «Velha-União», onde vai debater-se com a philharmonica de Oliveira do Bairro — Um independente.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Mediciça pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo yceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.^a e 5.^a classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUNOS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Naborada segundo os actuaes programmas POR ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 reis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.^a 2.^a e 3.^a classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

5.^a edição. 400 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de frutar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

FRANCISCO BARRÓS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

LIVRARIA CENTRAL DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.^a edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opiniao e a sua creença, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 reis

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira-Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfadado.

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.^o volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhaco castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas, «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisação a bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as Livrarias

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:

R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

A. A. FLORES LOUREIRO

Portugal—anno

—semestre

Africa—anno

Brazil—anno—(moeda forte) A.

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha.

Communicados, cada linha.

10 reis

20

Para os srs. assignantes 25 p.c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Caso unico

Emi. Int.